

TESTEMUNHO: A ACTIVIDADE ORGANIZATIVA COMO ACÇÃO VÁLIDA

Notas do intercâmbio realizado por Fernando García (CGCC13) no Parque La Reja (Moreno, Pcia. de Buenos Aires, Argentina), a 3 de junho 2006.

Introdução

Este será o testemunho de uma experiência pessoal e, como tal, não se pretende ter validade universal. Vos conto o que creio que vivi, o que sinto e o que penso disso, e esta perseverança que não ignora outras experiências. Minha experiência poderá coincidir ou não com a vossa, e isto é algo sobre o que quis intercambiar.

De forma que, ao contar-lhes isto, não me preocupa se o tema não for novidade e bastante trilhado, ou se (paradoxalmente) constitui uma novidade: o interesse é de comunicar uma experiência, na esperança de que esta comunicação possa ser de utilidade para alguns. Então, assumo o risco de aborrecer-vos falando de coisas que podem ser óbvias ou arquisabidas.

Aqui tentarei expressar um aspecto do como experimentei o trabalho estrutural "desde dentro", quer dizer minha subjectividade referida ao trabalho com outros e para outros. A subjectividade ou o "motor interno" é o que mais conta no estrutural, mas frequentemente é sobre o que menos se intercambia.

Sobre o anterior, está claro que não me ocuparei dos aspectos por assim dizer "técnicos" do estrutural.¹ Para que se entenda do que falo, limitar-me-ei a clarificar que, quando me refiro a "estruturas" e ao "trabalho estrutural", refiro-me ao dito por Silo na reunião semestral do Conselho 1, em maio de 2000, na cidade de Roma, e ratificado pela Assembleia de Coordenadores Gerais, acordo conjunto que permanece invariado até o dia de hoje. Minha contribuição conjunta de janeiro de 2005 dá conta disso.

Embora Silo nos falou do fundamental que pode ser dito sobre a acção válida, não creio que seja demais compartilhar nossas vivências na aplicação do seu ensinamento para um campo específico de nossa tarefa como humanistas; neste caso, a formação de estruturas de militantes humanistas.

Embora a minha experiência específica seja no sector estrutural, creio que o tema da acção válida no estrutural não é alheio a todos os sectores, na medida que o que está em jogo em todo caso é a formação e desenvolvimento de conjuntos humanos. Em outras palavras: nosso papel activo numa construção humana para a liberação social e individual.

Por que falar sobre isto agora? Poderia dizer várias coisas. Talvez porque minha condição actual de ex-orientador de um conselho clausurado dá-me uma perspectiva que antes não tinha. Talvez porque espero que isto seja de utilidade para alguns. Talvez porque meu testemunho é concomitante com a queda da autocensura destes

¹ Em outras palavras, a Teoria da Organização, a composição, a relação de processos e de estruturas, tácticas estruturais, etc.

tempos... esperando (risonhamente) que a esta queda também lhe acompanhe outra queda: a da censura, para que este testemunho seja considerado benignamente.

A seguinte apresentação será um tanto desestruturada; mas, talvez em vez de dificultar a transmissão, isto ajude de forma que se afeire melhor o que quero transmitir. Tampouco pretendo fazer uma apresentação exaustiva de todas as minhas vivências de mais de três décadas, mas ao menos espero dar uma ideia geral do ponto em questão. Necessariamente tenho que dar exemplos pessoais e específicos sobre como pensei, senti e agi, mas queria que se descartasse ou se considerasse de menor importância com relação à experiência central: a actividade estrutural como apoio para o trabalho interno e vice-versa.

Irei mencionar algumas das referências mais importantes que me deram inspiração e coragem para empreender e sustentar a actividade estrutural com a óptica da acção válida.

Por último, uso uma maneira de comunicar que me é congenial, pelo que me desculpo com antecedência com esses a que meu modo lhe pareça um tanto árido. Espero que se possa compensar com o intercâmbio informal entre nós.

Pode-se falar do estrutural em si em termos absolutos e universais?

Não se pode falar do estrutural em si, independente de quem o observa ou o pratica. Como toda a actividade, esta pode ser carregada com muito distintas intenções, pode ser "olhada" de distintas maneiras. Esta intenção ou "olhar" então será parte integral do "que é" a actividade estrutural para quem a leva adiante.

Obviamente não podemos considerar como definitivo um juízo sobre a actividade estrutural em termos universais e absolutos simplesmente sobre a base da própria experiência individual e para conhecimentos particulares obtidos num âmbito restringido (geográfico, temporal, cultural, etc.) dentro de todo o universo de experiência conjunta em tal sentido.

Por outro lado, "Teoria da Organização" é só um instrumento organizativo conducente ao objectivo de humanização. Mas, como se emprega? Como se implementa? Tenho aqui que a subjectividade dos implementadores o carregará como instrumento de felicidade e libertação crescentes ou nem tanto.

Olhando para trás nos anos de formação de quadros, posso notar como tingi a actividade estrutural com coisas que não lhe são próprias, algumas positivas e outras menos. O meio também influenciou sobre o estrutural através das pessoas que chegavam às estruturas. Existia um momento histórico e uma situação psicossocial. Inclusive os papéis (rois) que empregávamos no estrutural eram traduzidos de rois próprios de outros âmbitos. E claro cada um chegava com sua própria paisagem de formação que não era obviamente a do nosso, senão a do meio.

Assim a carga de subjectividade faz com que as actividades estruturais possam ser vividas essencialmente como actos indiferentes, ou como actos contraditórios, ou como acções válidas. Mais além dos sucessos ou fracassos externos, esta vivência

constituirá o íntimo registro e a memória da actividade estrutural em cada um. Isto será pois, para cada um, a actividade estrutural.

Também, como toda a conduta, a construção estrutural poderá ter um simples carácter catártico (de simples descarga de tensões) ou um carácter transferencial, de integração e crescimento interno. Se é simplesmente catártica, provavelmente não seja movida por muito mais que a famosa tríada de sexo, dinheiro e prestígio, em suas multicolores variantes e combinações. Se a construção estrutural for transferencial, então podemos falar da acção válida.

Porquê a actividade estrutural pode ter um valor transferencial?

Desde antiga e reiteradamente sustentamos que o Movimento propunha a transformação social e pessoal de um modo simultâneo², de maneira que nunca entendi estes dois termos isoladamente, senão estreitamente relacionados. Explicou-se que o trabalho interno fazia-se em função da transformação social; mas também explicou-se como a transformação social poderia ser um apoio para o trabalho interno:

Apoiando isto, menciono alguns parágrafos do antigo "*Livro de Escola*"³:

"Há outro caso. O caso em que se fazem, se realizam actividades no mundo, porque ao realizar certas actividades, vai-se configurando na estrutura mental toda uma unidade. Quer dizer, que se vão fazendo coisas no mundo, também neste caso, sem importar os objectos. Vão-se fazendo coisas no mundo, não para descarregar tensões; neste caso vão-se fazendo operações no mundo porque é um modo de ir integrando os próprios conteúdos. E esta integração dos conteúdos internos, e esta continua perspectiva que se vai tendo dos distintos processos, usam ao mundo como referência, mas neste caso a valorização não está posta no mundo."

"E então é uma forma, este mover-se no mundo, em que o psiquismo abre passo, e este psiquismo vai construindo o mundo a sua imagem e semelhança. E o avance da consciência e da mente sobre o mundo é que leva a esta actividade sem importar consideravelmente os objectos."

Isto que se vai passando no mundo, que o mundo vai-se tornando cada vez mais humano, vai-se humanizando; isto de que o mundo cada vez vai reflectindo mais a actividade da mente humana, revela-nos que é a mente a que considera o mundo como seu ponto de aplicação. E revela-nos que é a mente a que não considera aos valores como postos nos objectos, senão que é a mente a que põe os valores no mundo, é a que dá categorias, é a que estabelece relações, é a que amplia sua expansão.

É a mente então, a que utiliza o mundo como seu ponto de aplicação. E muitas actividades humanas tem que ver, primariamente, com a descarga de tensões para

² "Que nuestros deberes permanentes sean: despertar cada día más armonizado el pensamiento, el sentimiento y la acción y al mismo tiempo, despertar a los demás por la enseñanza y la práctica de ésta, la más humilde y sencilla de las doctrinas." *El Mensaje*. 1964

³ *Libro de Escuela*. Día 20. *El Sufrimiento*. (Agosto 1976)

o mundo. Mas, mais profundamente, muitas actividades humanas explicam-se pela configuração interna que a própria mente vai fazendo ao aplicar-se no mundo."⁴

Também, em Psicologia III, no ponto 1, *Catarses, Transferências e Autotransferências. A acção no mundo como forma transferencial*, diz-se:

"Sabemos que a acção, e não só o trabalho das imagens que temos mencionado, pode operar fenómenos transferenciais e fenómenos autotransferenciais. Não será o mesmo um tipo de acção que outra. Haverão acções que permitam integrar conteúdos internos e haverão acções tremendamente desintegradoras".

*"Está claro que não é indiferente a acção que se realiza no mundo. Há acções que dão o registro de unidade e acções que dão o registro de desintegração. Se se estuda isto da acção no mundo, à luz do que sabemos sobre os procedimentos catárticos e transferenciais, ficará muito mais claro o tema da integração e desenvolvimento dos conteúdos de consciência."*⁵

Deste modo, o trabalho transferencial não só se realiza "em laboratório" (sessões de Operativa, retiros, centros de trabalho, etc.), mas fundamentalmente usando o mundo como ponto de aplicação para a integração de conteúdos. Continua sendo minha firme convicção que não existe desenvolvimento interno ou espiritual sem que se manifeste no mundo como acção válida. Se não há tal manifestação, não existe tal desenvolvimento. Eu achei e acho que para mim o trabalho estrutural é um das melhores expressões dessa aplicação para o mundo com óptica de trabalho interno, como obra bondosa e consciente.

A actividade estrutural como forma transferencial: a acção válida

É inevitável reflectir sobre a acção estrutural desde a óptica doutrinária, já que não está concebida como separada de nossa doutrina e trabalho interno, mas como sua ferramenta no mundo. Revisemos rapidamente, nas palavras de Silo, o que sabemos sobre a acção válida:

"E qual é o sabor do acto de unidade? Para reconhecê-lo, basear-te-ás na profunda paz que, acompanhada de uma suave alegria, te põe de acordo contigo mesmo. Este acto, tem por sinal a verdade mais íntegra, porque nele se unificam em estreita amizade o pensamento, o sentimento e o fazer no mundo. Indubitável acção válida que se afirmaria mil vezes mais, se se vivesse outras tantas vidas!"

*"Todo o fenómeno que faz retroceder o sofrimento nos outros, registra-se em quem o produz como acto válido, como acto de unidade."*⁶

E também:

⁴ *Libro de Escuela. Día 20. El Sufrimiento.* (Agosto 1976)

⁵ *Silo. Obras Completas II. Apuntes de Psicología. Psicología III. Catarsis, Transferencias y Autotransferencias. La Acción en el mundo como forma transferencial.* Plaza y Valdés, Buenos Aires, 2005.

⁶ *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. X. La Acción Válida.* Párrafos 4 y 5. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

"Qual é a base da acção válida? A base da acção válida não é determinada pelas ideologias, nem pelos leis religiosas, nem pelas crenças, nem pelas regras sociais. Ainda que todas estas coisas sejam de muita importância, a base da acção válida não é determinada por nenhuma delas, mas pelo registro interno da acção. Há uma diferença fundamental entre a valorização que parece vir do exterior, e esta valorização que se faz da acção pelo registro que o ser humano tem do que precisamente faz.

*E qual é o registro da acção válida? O registro da acção válida é aquele que se experimenta como unitivo; é aquele que dá sensação de crescimento interno ao mesmo tempo, e é por último aquele que se deseja repetir porque tem sabor de continuidade no tempo."*⁷

Assim é que, desde então pareceu-me que o campo da tarefa estrutural não podia ser excluído ou desvinculado da acção válida. O trabalho estrutural como acção válida é uma das melhores expressões da "Regra de Ouro"⁸ nestes tempos. Sem dúvida que trato aos demais como gostaria de ser tratado quando contribuo ao aproximá-los a nós e a criar condições favoráveis para o seu crescimento interno e seu dar desinteressado.

O trabalho em Operativa como referência para a actividade estrutural

E é aqui que, com uma aproximação prática ao tema da Operativa, posso ter mais referências para o correcto tratamento subjectivo da actividade estrutural à luz das características do trabalho transferencial. Por exemplo e brevemente:

- 1) O valor das resistências como indicador de possibilidade de desenvolvimento. As resistências indicam-me minhas limitações para o trabalho, e sua superação oferece-me a possibilidade de ampliar minha capacidade de humanizar-me humanizando. Ali tenho minha personalidade e a dos outros, as dificuldades do trabalho em equipe, o tratamento adequado da diversidade num plano conjunto, a necessidade de dar orientação ao processo sem inibir a expressão da diversidade, mas dando-lhe um enquadre convergente, etc.
- 2) O valor da persuasão dos conteúdos. A confrontação não é conducente. Como se faz para passar de líder a orientador na própria cabeça, no próprio "olhar".
- 3) As diferenças entre trabalhos catárticos e transferenciais. A diferença entre o compulsivo ou mecânico, e aquele que integra, reconcilia, e abre o futuro.
- 4) A conveniência da distensão e da gentileza nestes assuntos. Todo o forçamento tem seu pêndulo em termos processuais. Os processos das pessoas e os conjuntos têm seus tempos e seus ritmos. Como preencher as características do guia interno (sabedoria, bondade e força) na tarefa estrutural.

⁷ "La acción válida (Las Palmas de Gran Canaria, España, 29/09/78). Charla ante un grupo de estudios." *Silo. Obras Completas. Volumen I. I. Opiniones, comentarios y participación en actos públicos.* Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

⁸ Se da por entendido que me refiero al Principio "Cuando tratas a los demás como quieres que te traten te liberas", en *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la Tierra. La Mirada Interna. XIII. Los Principios,* Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

A intenção e o trabalho contínuo e aplicado ao acometer e superar dum modo transferencial as resistências que se apresentam para a consecução do objectivo estrutural tal como tinha sido planeado, põem condições para que identifiquemos, empreguemos e desenvolvamos o melhor de nós mesmos.

Ao planearmos o o projecto e superarmos as resistências, dum modo transferencial, estamos pondo nosso horizonte de transformação mais além de nós mesmos, porque as superaremos graças a deixar de ser o que somos ou como somos, para ampliar e melhorar o que somos ou como somos.

É graças a superação transferencial das resistências internas e a ampliação das próprias virtudes e talentos que o cresce o conhecimento de nós mesmos, a coerência interna e externa, e com isso nossa força interna.

A relação como os participantes da nossa tarefa estrutural

Numas velhas notas de 1974 (final da etapa de indivíduos), "O Movimento na próxima rota", "A Compensação", esboçou-se a etapa de quadros em que entraríamos, em termos próprios da acção válida.

*"Com relação ao sistema o Movimento tem que compensar e/ou contrariar a acção do sistema. Deste modo, se o sistema é violento, o Movimento é não violento. Se o sistema estiver enlouquecido ideologicamente, o Movimento é coerente ideológica e doutrinariamente. Se o sistema divide, confronta, separa, etc., o Movimento mistura e sintetiza. Se o sistema conflitua e aumenta as contradições, o Movimento supera a dor, desconflitua. Aqui há um ponto interessante e é que o Movimento pode ser cada vez mais bondoso e dar afecto: estes são os dois sentimentos muito positivos que dia a dia perdem-se no sistema; razão demais para contrariar e ter bondade e afecto no Movimento e seus integrantes."*⁹

Esse sentimento com base na acção válida reafirma-se, entre outros, no seminário sobre O Olhar Interior e A Missão dos 80.¹⁰

"Poderá ficar claro a implementação destas actividades; mas o mais importante de tudo é: Quem produzirá esta mensagem?"

"Por isso é que, antes de fazer qualquer coisa, será muito bom que cada um se examine e se diga: o que quero das pessoas? Verdadeiramente quero as pessoas? Ou digo que as quero? Se não quero as pessoas, é melhor que procure outro tipo de actividades porque estas não são boas. Esse é o ponto."

Não podemos tampouco declamar a atitude de humanista para outros enquanto, negando-a com a atitude pragmática, não a praticamos com as mesmas estruturas que formamos.

⁹ Silo. *El Movimiento en la próxima rota. La compensación* – Reunión con Silo en El Mirador, Córdoba, Argentina. 01/02/74.

¹⁰ Silo. Seminario sobre *La Mirada Interna y La Misión del 80*. Tercer Día. Madrid, España 11/03/80 y Bombay, India, 1980.

"Referente à atitude que menciono, e que é posição comum dos humanistas das distintas culturas, devo destacar as seguintes características: 1. colocação do ser humano como valor e preocupação central; 2. afirmação da igualdade de todos os seres humanos; 3. reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; 4. tendência para o desenvolvimento do conhecimento acima do aceite como verdade absoluta; 5. afirmação da liberdade de ideias e crenças; e 6. repúdio à violência."¹¹

A reflexão sobre a acção passada, presente e futura

É óbvio a diferença entre a acção reflexiva e a acção irreflexiva, e as consequências que derivam de cada uma. De forma que para mim as reflexões (e a "meditação simples") foram sempre importantes na acção realizada, aquela em curso ou a acção futura, mas não desde o ponto de vista meramente organizativo, mas do ponto de vista que nossa Doutrina propõe.

Dou uns poucos exemplos: para mim foram importantes as considerações estruturais em termos do "dar" e do receber", linguagem própria de *O Olhar Interior em Humanizar a Terra*. Ou, ao considerar as seguintes citações na sua aplicação ao estrutural.

XV. Dar e Receber

7. *Recorda os melhores momentos da tua vida e compreenderás que sempre estiveram relacionados com um dar desprendido. Esta simples reflexão deveria ser suficiente para mudar radicalmente a direcção da tua existência... Porém, não será suficiente.*

8. *É de esperar que esteja a falar para outro, não para ti, já que terás compreendido frases como "humanizar a Terra", "abrir o futuro", "ultrapassar o sofrimento no mundo que te rodeia" e outras tantas mais, que têm como base a capacidade de dar.*

9. *"Amar a realidade que se constrói", não é pôr como chave do mundo a solução dos próprios problemas.*

Me foi de grande utilidade reflectir sobre cada uma destas frases em relação à actividade estrutural, e logo tratar de projectar as conclusões dessa reflexão em factos e atitudes.

E o mesmo posso dizer quanto à coerência interna e externa, próprias da terceira das *Cartas a Meus Amigos*.¹²

Mais referência e inspiração: os seguintes parágrafos de *"A Paisagem Interna"* me pareceram muito relativos ao estrutural.

¹¹ *Qué Entendemos Hoy Por Humanismo Universalista (24/11/94)*, en *Habla Silo, Silo. Obras Completas. Volumen I*. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004, pág. 908.

¹² *Silo. Obras Completas. Volumen I. Cartas a Mis Amigos. Tercera Carta a Mis Amigos (17 de diciembre de 1991)*, Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

II. A Realidade

10. Portanto, que o teu coração afirme: "Quero a realidade que construo!"

VI. Centro e Reflexo

2. Não há aprendizagem, por pequena que seja, que se cumpra só a contemplar. Aprendes porque algo fazes com o que contemplos e quanto mais fazes mais aprendes, já que à medida que avanças modifica-se a tua visão.

3. Que tens aprendido sobre o mundo? Tens aprendido o que tens feito. O que queres do mundo? Queres conforme o que te tenha sucedido. O que não queres do mundo? Não queres de acordo com o que te aconteceu.

IX. Contradição e Unidade

10. Verdadeiramente amarás quando construíres com a mira posta no futuro. E se recordas o que foi um grande amor, só deverás acompanhá-lo com suave e silenciosa nostalgia, agradecendo o ensinamento que chegou até ao teu dia actual.

15. Quanto à construção em si, onde puseres material defeituoso, multiplicarás o defeito e onde o puseres sólido, projectarás a solidez.

26. Se queres crescer, ajudarás a crescer aqueles que te rodeiam. E isto que afirmo, estejas ou não de acordo comigo, não admite outra saída.

XII. Compensação, Reflexo e Futuro

5. Se afirmas aquilo que se procura a si mesmo, isso cuja natureza é transformar-se, que não tem saciedade e que por essência está aberto ao futuro, então amas a realidade que constróis. Essa é pois a tua vida: a realidade que constróis!

Por último, também me foi inspirador apelar a "Os Estados Internos"¹³ como referência da situação em que me encontrava internamente quanto a tarefa estrutural.

Os indicadores tangíveis e intangíveis da construção estrutural

Em *A Paisagem Interna* afirmou-se: "Ainda quando sábio e poderoso, se não cresce em ti e em quem te rodeia a felicidade e a liberdade, rejeitarei teu exemplo".¹⁴ De forma que a felicidade e a liberdade crescentes deveriam ser os indicadores intangíveis da construção estrutural. Todo o resto não deveria ser senão o andaime que aponta a isso.

Em "*Acerca do Humano*"¹⁵ explicou-se: "Estudemos a segunda questão, quer dizer: o próprio registro da humanidade em outros.

Contanto que registre do outro sua presença "natural", o outro não passará de ser uma presença objectal, ou particularmente animal. Contanto que esteja anestesiado para perceber o horizonte temporal do outro, o outro não terá sentido mais que quanto a para-mim. A natureza do outro será de um para-mim. Mas ao construir o

¹³ "Los Estados Internos", capítulo XIX, párrafo 6, em *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. El Paisaje Interno*. I. *La Pregunta*. Párrafo 2. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

¹⁴ *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. El Paisaje Humano*. I. *La Pregunta*. Párrafo 2. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

¹⁵ *Acerca de lo humano* (Tortuguitas. Buenos Aires, Argentina, 01/05/83). Charla ante un grupo de estudios, em *Silo, Obras Completas, Volumen I*, págs. 732-733, Plaza y Valdés, Buenos Aires, 2004.

outro num para-mim, me constituo e me isolo em mim próprio para-si. Quero dizer: "Eu sou para-mim" e com isto fecho meu horizonte de transformação. Quem coisifica se coisifica, e com isso fecha seu horizonte."

Assim haverá um modo de pôr-se ante a actividade estrutural que ressoe com esta sensibilidade e outro modo que desafie com ela. Aqueles que me acompanham na construção estrutural e aqueles que os alcanço com ela não poderão ter um sentido de "para-mim", já que desse modo coisifico e assim me coisifico e fecho meu horizonte de transformação. Talvez poderei ter grandes realizações no mundo, mas a custa do desenvolvimento de minha unidade interna e a de outros.

Sigamos: *"Contanto que não experimente ao outro fora do para-mim, minha actividade vital não humanizará o mundo."* Construiria em mim uma realidade desumanizada, construirei uma realidade que não poderei amar, e a minha influência será desumanizante.

E então: *"O outro deveria ser o meu registro interno, uma calorosa sensação de futuro aberto que nem sequer termina no sentido coisificador da morte."*

Sentir o humano no outro, é sentir a vida do outro num bonito arco-íris multicolor, que mais se afasta na medida em que quero deter, pegar, arrebatá-la sua expressão. Tu te afastas e eu me reconforto se é que eu contribuí para cortar tuas correntes, superar tua dor e sofrimento. E se vens comigo é porque te constituís num acto livre como ser humano, não simplesmente porque nasceste "humano". Eu sinto em ti a liberdade e a possibilidade de constituir-te em ser humano. E meus actos têm em ti meu branco de liberdade. Então, nem tua morte detém as acções que puseste em marcha, porque és essencialmente tempo e liberdade. Amo, pois, do ser humano sua humanização crescente. E nestes momentos de crise, de coisificação, nestes momentos de desumanização, amo sua possibilidade de reabilitação futura."

Isto tampouco o entendi como um rapto poético descomprometido com a acção. No momento de tomar decisões estruturais, ou ao levá-las adiante, bifurca-se o caminho entre essa ética enunciada e, por exemplo, o reflexo possessivo de controle, de manipulação, de geração de dependência, de benefício pessoal, de coisificação. Ali estive inumeráveis vezes frente ao dilema: "ou te decides pelo labirinto da vida consciente (e o fazes com resolução)"¹⁶, ou traio as intenções que me propus ou declamei a outros.

E como se faz para sentir o humano no outro? No meu caso foi, entre outros factores, graças ao exercício de tomar contacto com o humano em mim mesmo e ao querer vê-lo em outros que me rodeiam na construção estrutural. Por exemplo, como se diz em *A Paisagem Interna*: *"Importa pois que dirijas tua atenção para as melhores qualidades das demais pessoas porque impulsionarás para o mundo o que tenhas terminado de configurar em ti."*¹⁷

Disse-me a mim mesmo que escasso eco teriam estas palavras de Silo se as limitasse a conversações cómodas de salão em ocasiões especiais. Me propus que

¹⁶ Referencia a "Los Estados Internos", capítulo XIX, párrafo 6, en *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. El Paisaje Interno*. I. La Pregunta. Párrafo 2. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

¹⁷ Del Capítulo XVII. *El Guía Interno, punto 11*, en *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. El Paisaje Interno*. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

estas palavras se projectassem quotidianamente em toda minha vida e, particularmente, na actividade estrutural. Obviamente, como tudo o que vos conto hoje, às vezes pude cumpri-lo e às vezes não, mas isso deu-me uma direcção mental mais convergente com o nosso e melhores resultados que nunca me tinha proposto.

Entre outros, há um indicador intangível que também torna globalmente ao estrutural: "*Portanto, que teu coração afirme: " Quero a realidade que construo! "*"¹⁸ Isto me serviu como indicador interno com respeito a minha actividade estrutural, e para isso não só tive em conta o desenvolvimento da estrutura em sí, mas minha relação interna com ela, meu modo de vê-la e orientá-la. Por exemplo, não foi o mesmo considerar a estrutura como instrumento para alcançar algo que termina em mim que considerá-la como ponto de aplicação de meu dar desinteressado. E isto não passou por argumentos intelectuais, mas por um íntimo sentir com o que honestamente tive que fazer as contas em cada momento.

O sentimento religioso: motor da obra estrutural como acção válida

Cito as palavras de Silo a este respeito, em 1977, durante a fase de quadros, e que me deu grande inspiração em seu momento:

"... mas com respeito à Ordem será diferente, já que será formada por homens e mulheres capazes de mudar não só o seu destino pessoal mas o destino da humanidade.

Precisamos de espíritos amplos e generosos. Espíritos tenazes ainda que o mundo caia em pedaços a seu redor. Pessoas com um grande espírito religioso que lhes permita sentir a sua tarefa dentro de um processo maior transcendente a individualidade pequena, vacilante e mesquinha.

*Precisamos de místicos no melhor sentido da palavra."*¹⁹

Silo ofereceu-nos por décadas seu exemplo pessoal, mostrando como orientador estrutural que o sentimento religioso pode acompanhar a construção estrutural baseado num plano complexo, preciso e sistemático.

Talvez poderia ser difícil entender como uma grande carga emocional pode acompanhar este trabalho sustentado por anos contra todo o tipo de dificuldades externas e internas. Isto é, entender como se podem conjugar numa mesma pessoa a férrea adesão a uma racionalidade da acção baseada num plano conjugado com uma forte carga emotiva de sentimento religioso.

Contudo, é precisamente a acção válida, na sua melhor expressão e para o seu maior alcance, a que aponta a construção estrutural grande e duradoira, que pode desenvolver-se no tempo mais além de quem a pôs em marcha.

¹⁸ Del capítulo II. *La Realidad*, párrafo 10, en *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. El Paisaje Interno*. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

¹⁹ Carta de Mario a Kurt, Mendoza, 21/08/1977, publicada en el Contacto Quincenal del 25 de agosto de 1977.

Talvez a construção estrutural a longo prazo e baseado num plano possa ser sustentada através de outros factores, mas dou o testemunho que é possível fazê-lo impelidos por um sentimento forte e profundo, não só ligado a um projecto mas às pessoas. No meu caso, não poderia tê-lo feito sem isso.

Como diz *A Mensagem de Silo*: "*Se não és indiferente à dor e sofrimento do outro, debes fazer que coincida o que sentes com o que pensas e fazas para ajudar a outros.*"²⁰ E a construção estrutural é um instrumento tão ou mais satisfatório que outros possíveis para ajudar a outros.

*E também: "O ser humano na sua bondade, na eliminação das contradições internas, nos seus actos conscientes e na sua sincera necessidade de evolução, faz nascer seu espírito. Para a evolução são necessários o amor e a compaixão. Graças a eles é possível a coesão interna e a coesão entre os seres que possibilitam a transmissão do espírito de uns a outros. Toda a espécie humana evolue para o amor e a compaixão. Quem trabalha para si no amor e na compaixão, o faz também para outros seres."*²¹

De forma que não há um antagonismo intrínseco ou congénito entre a acção válida e a actividade estrutural, senão uma estreita relação de reforço mútuo. O trabalho organizativo com pessoas que se aproximam a nós pode ser - para quem assim o intencione - uma ampliação da acção válida, e pode estar preenchido de um profundo e forte sentimento religioso que encontre a sua melhor expressão na construção e desenvolvimento de conjuntos humanos organizados para seu melhor influência humanizadora.

Entre tantas rarezas deste mundo, não é de descartar que existe uma percentagem da população - embora pequena - que tenham grande gosto em ser voluntários de uma equipe que trabalha organizadamente para outros. Não é de descartar que haja uma percentagem da população que assuma compromissos, que seja permanente nesta tarefa, e que queira maior clarificação sobre nossos temas. Por que não? E maior será essa percentagem quando o império das circunstâncias assim o exija. E com eles trabalharemos então, formando esses quadros que motorizem acções conjuntas fortes de mudança no meio influenciando sobre milhões.

Por outro lado, tampouco se vê que outras formas de trabalho com as pessoas impedem a acção válida, de forma que cada um haverá de fazê-lo com a forma que lhe é mais congenial.

Até mesmo para os não crentes, o trabalho estrutural pode ser uma forma de imortalidade²² e decerto o é, desde que seja uma acção válida, para os crentes, segundo o que se explica, por exemplo mas não só, em *A Mensagem de Silo inspira uma profunda religiosidade. O Espírito Humano*.

²⁰ *El Mensaje de Silo. El Camino.*

²¹ *El Mensaje de Silo inspira una profunda religiosidad, El Espíritu Humano.*

²² "Aquel que no siente la presencia de otra vida separada del cuerpo, considere que aunque la muerte haya paralizado al cuerpo, las acciones realizadas siguen actuando y su influencia no se detendrá jamás. Esta cadena de acciones desatadas en vida no puede ser detenida por la muerte. ¡Qué profunda es la meditación en torno a esta verdad, aunque no se comprenda totalmente la transformación de una acción en otra!" *Ceremonia de Muerte. El Mensaje de Silo.*

Usando as ferramentas de trabalho interno como apoio quotidiano para a actividade estrutural

Se se parte tomando o registro de unidade ou coerência interna como referência, como "centro de gravidade", o estrutural vive-se e implementa-se de outra maneira, uma maneira mais inclinada para a coerência externa, no sentido de tratar aos outros como gostaríamos de ser tratados. Assim é que constante e quotidianamente apelei às ferramentas de trabalho interno como apoio para a actividade estrutural.

Os Princípios de Acção Válida. Acho que, como ética, os Princípios não se podem "cumprir" (como quando se adere a uma moral externa), mas é conveniente pôr um "olhar", uma copresença, uma direcção mental conducentes à acção válida. Procurando esses registros de coerência tentei actuar no estrutural. Também me serviram para reflectir sobre a acção e, por compreensão, para aperfeiçoar e ampliar essa acção. Por outro lado, sempre tentei ter presente que os Princípios - e portanto a acção válida - eles não são planeados em termos "exitistas", de garantia de "sucesso" externo, mas de felicidade e liberdade crescente, de liberação interior.

O Guia Interno. Tentei alcançar um acordo entre meu papel de orientador e a referência do Guia. Eu pedi constantemente ao Guia Interno para ter a sabedoria, bondade e força necessárias para cada momento ou evento estrutural.

O Trabalho com a Força me fez recobrar a perspectiva e a força necessárias para reorientar ou redobrar a tarefa estrutural.

A atenção dirigida (distensa) acompanhou-me como estilo quotidiano aumentando minha lucidez e dando-me um "centro de gravidade" interno para a tarefa estrutural.

Os retiros, centros de trabalho, trabalho pessoal em reuniões, etc. recarregaram minhas baterias internas para voltar à tarefa estrutural com renovadas forças e inspiração.

Todas as outras ferramentas ou práticas de trabalho interno que, embora não fossem directamente aplicadas à actividade estrutural, indirectamente a habilitava e reforçava.

O exemplo vivente de Silo

Tendo vivido minha etapa estrutural como primeira instância do Conselho 1 orientado por Silo, dou testemunho que ele foi, até mesmo como orientador estrutural, o melhor modelo vivo nas inspirações que aqui exponho. Este foi um apoio magnífico, já que encarnava perfeitamente a acção válida no estrutural. Assim sua imagem ou sua recordação me serviram de guia em incontáveis ocasiões. Junto com toda sua Obra, a ele agradeço profundamente o melhor exemplo, e, decerto, retiro-lhe de toda a responsabilidade pelas lacunas que existiram entre o seu exemplo e as minhas realizações.

O trabalho em equipe na actividade estrutural

No antigo "Livro da Escola", no capítulo acerca do trabalho em equipe²³, sugeriam-nos trabalhar em equipe com base em registros de distensão, já que facilmente tende-se a tentar possuir as ideias, tentar possuir a situação, o que atenta contra o bom trabalho em equipe. Ou seja, que o trabalho em equipe - característico do trabalho organizativo - nos põe de frente a nossa possessão. Ante isto, podemos responder de maneira catártica ou transferencial. A acção válida será essa forma transferencial e um apoio de utilidade para mim foi a atenção dirigida acompanhada de registros de distensão.

O estrutural como actividade durante o "tempo livre" ou como centro de gravidade da própria vida.

Decerto que a actividade estrutural como acção válida tomará uma profundidade e um alcance distintos de acordo com a posição que aquela ocupe entre nossos interesses. Este é um factor que foi formulado de diferentes modos e, como exemplo, menciono um texto de A Comunidade, dos tempos em que se conhecia o Movimento com esta denominação.

"Colocação frente à Comunidade.

"O ponto decisivo para um membro da Comunidade, refere-se a como a coloca entre seus diversos interesses pessoais. Se considerar a Comunidade como um objecto permutável por outros, seguramente obterá resultados anedóticos. Por outro lado, se usar a Comunidade como referência de vida, os diversos interesses pessoais ordenar-se-ão de acordo com as prioridades e obterão coerência. Usar uma referência num mundo pessoal e social em contínua mudança em vez de limitar possibilidades dá sentido, concentra forças dispersas e impele o desenvolvimento. Colocar a Comunidade como uma referência, ajuda superar a desorientação."

"Algumas pessoas podem entender as experiências que se realizam na Comunidade a partir duma face terapêutica. Se reflectirem correctamente, compreenderão que o seu equilíbrio e desenvolvimento pessoal não se pode alcançar com uma terapia senão que é um questão mais profunda referida ao sentido da vida, a referências claras e ao compromisso com actividades que transcendem o pessoal. Ninguém soluciona seus problemas por pensar continuamente neles. É a actividade bem orientada, a que termina por superar aos problemas. Mas isto não é tão fácil de efectuar-se baseado em simples propostas individuais. Deve haver uma actividade organizada que sirva de referência às actividades particulares e isso a Comunidade pode fazê-lo."²⁴

Obviamente que a mera prática de militância não bastará para a mudança pessoal, porque a acção válida é pelo registro do que se faz, mais que pelo que se faz. Mas o facto de pôr o conjunto como referência a que se aspira põe as melhores condições para o tratamento das questões pessoais, põe uma referência que ajuda a proporcionar o "eu" em relação ao "nós" e em função duma acção válida no mundo.

²³ *Libro de Escuela. Día 14. Acerca del Trabajo en Equipo.* (Agosto 1976)

²⁴ *I. Explicaciones Generales. Ubicación frente a la Comunidad. Libro de La Comunidad.* Silo. Roma, Italia, julio del 2000. Ya presente en su edición de 1981.

O olhar interno e o olhar externo na actividade estrutural.

O olhar externo do estrutural nota o objectal ou o tangível da construção: número de membros e sua estruturação, quantidade de fundos de colecta, número de cópias de materiais, comunicações, logísticas, potência da actividade, mobilidade, etc.

O olhar interno atende a outros aspectos tais como o trabalho pessoal dos membros, o seu esclarecimento ideológico e doutrinário, o tipo de relação entre os membros e entre a estrutura e seu meio, atende às direcções mentais, atende à coerência entre a mensagem que se dá e o que logo se pratica, etc. Quer dizer, atende à subjectividade que está em jogo em tudo isto, já que se trabalha com gente apontando a uma relação de liberação mútua e afastada de toda a coisificação.

Uma mentalidade similar ao pragmatismo ingénuo poderia crer que nossos resultados no mundo (o tangível) podem ser dissociados do factor subjectivo (o intangível), sem notar o "lucro cessante e dano emergente" que o atropelo do subjectivo ocasiona precisamente em nosso avanço no mundo.

Ambos olhares devem ser conjugados adequadamente, desde que ambos são necessários para a construção na medida que se trata dum processo de humanização social e pessoal. Nosso projecto não é simplesmente social, político, cultural, etc., mas psicossocial.

A direcção mental na actividade estrutural

A direcção mental dá uma orientação geral à conduta. A direcção mental estabelece-se baseada na imagem futura a que se aspira. Esta imagem, localizada ali no futuro, é a que irá orientando e alinhando nossas opções e acções específicas passo a passo para a consecução do objectivo geral que é nosso propósito. Isto é o que também explicam "*Os Aforismos*"²⁵ em outras palavras.

É importante então examinar-se para compreender a imagem do futuro que está operando dentro de nós em cada momento de processo, sobretudo na condição de origem deste.

A medida da coincidência ou não da nossa imagem com o que a Doutrina propõe também nos dará a medida do possível desvio ou desencaixe do nosso projecto estrutural em relação ao plano geral.

O crescimento interno com a acção válida dar-se-á tb na medida em que o pessoal contribua cada vez mais ou ajuste-se ao não-pessoal, ao que transcende o pessoal. Pelo contrário, querendo forçar (em vão) o não-pessoal para que se ajuste ao pessoal produzirá diversos graus de desadaptação com o conjunto e, então, de incoerência interna e externa. A intenção contínua de tratar o estrutural como acção válida dá uma direcção mental.

Presença e copresença na actividade estrutural

²⁵ *Los Aforismos. II. Temas Formativos. Libro de La Comunidad.* Silo. Roma, Italia, julio del 2000. Ya presente en su edición de 1981.

A imagem do futuro que queremos alcançar actua copresentemente durante a tarefa da actividade estrutural passo a passo.

Mas também na copresença são de ajuda outras imagens copresentes e estas são, por exemplo, as referidas à dimensão interna das pessoas com a que realizamos o nosso trabalho. A subjectividade é a fonte dos nossos acertos e erros e o motor da nossa tarefa.

Por exemplo, já na copresença de toda estrutura está a clausura do conselho em processo, e só esta imagem futura que impacta sobre o presente deveria ser motivo de reflexão e de adequação da orientação a esse futuro de despossessão.

Pareceu-me sempre importante este tema da copresença, porque a mesma actividade varia para mim e para outros se varia o que actua desde a copresença. As copresenças são muitas e diversas, por exemplo, o exemplo de Silo, as referências doutrinárias, o compromisso com os pares, a memória conjunta, etc.

O trabalho estrutural e a própria estrutura como espelho onde olhar-se

Já em 1974 propuseram a pulcritude, a permanência e o tom como aspectos integrais daqueles “Ofícios” que serviam de ante-sala das “Disciplinas”. A vários de nós não nos escapou a interessante relação entre esses aspectos e a actividade estrutural. A pulcritude, a permanência e o adequado tom que correspondem ao bom “ofício estrutural” encontram no estrutural um excelente campo de exercício. O maior ou menor grau destes aspectos se projectam na obra, e um pode observá-la a partir desta óptica.

Assim como se diz “de tal pau tal lasca”, alguns advertimos as correspondências que existem entre as características do orientador e as da estrutura que orienta. Isto é um interessante ângulo de reflexão, e, portanto, de aperfeiçoamento da acção válida.

Aprendendo também do que não é acção válida na actividade estrutural

A subjectividade do que leva adiante a tarefa estrutural pode afastar-se da acção válida para dar lugar a condutas que atentam contra sua própria unidade interna e contra o próprio projecto. É-se humanista quando se actua como tal e deixa-se de sê-lo quando não se actua como tal.

O próprio modelo organizativo em si abre muitas possibilidades, mas às vezes a implementação pessoal desse modelo o carrega com conotações que são lhe são alheias. Deste modo, por exemplo, são alheios a nossa forma organizativa o autoritarismo, a verticalidade, a "obediência devida", o protagonismo desmedido, a competição exacerbada ou desleal, os "ciúmes profissionais", a manipulação psicológica para fins pessoais, e outras indignidades impróprias da obra.

Para isto aludem as palavras duras mas não menos certas de Silo na *Quinta Carta a Meus Amigos*²⁶, mas citá-las fariam isto muito longo e desproporcionará o tratamento do tema²⁷.

O pragmatismo imediatista, o exitismo, a justificação dos meios para o fim, o uso das pessoas, o gradualismo enganador, os autoritarismos, o maquiavelismos, os personalismos, etc. são atitudes que não condizem com a actividade estrutural como acção válida. Tudo isso é "sistema" e o que é " sistema" não tem espaço em nós.

Um desvio típico surge quando o particular se desproporciona em relação ao conjunto. Por isso é que creio que há que tentar que o particular ajuste-se o mais possível ao conjunto, em vez de tentar forçar (em vão) para que o conjunto ajuste-se ao particular.

Isso de que "o fim justifica os meios" nos é alheio. Então, seria moralmente repugnante que usássemos formas de violência física, económica ou psicológica, ou de discriminação, manifestada ou larvada, para alcançar nosso objectivo organizativo. Precisamente, nossa "não violência " define-se como intolerância ante todas as formas de violência.

Nosso projecto não é simplesmente de sucesso no mundo, mas é um projecto integral que implica uma nova subjectividade, uma nova sensibilidade. De maneira que, paradoxicamente, a realização de tal objectivo se afasta na medida que atraioemos essa sensibilidade. A revolução total que propomos (social, cultural e psicológica) não está só no futuro, mas na intenção presente de realizá-la na actividade estrutural.

Seria incoerente aplicar duas medidas ou padrões distintos, um para fora e outro com a estrutura. E também seria incoerente declamar a outros o que não praticamos entre nós.

Claro que não me refiro aos erros de boa fé que podem ser reparados duplamente, mas para os erros da direcção mental que implicam uma resignação cínica antes as próprias compulsões.

Deixando todo o dramatismo aparte, estas considerações dos erros a evitar e dos erros que também incorri orientaram-me na minha tarefa estrutural, e para mim foi como um seminário de atitude humanista onde aprendi fazendo e reflectindo sobre o feito, tanto com meus acertos como com meus erros.

O futuro da actividade estrutural (ou, "se tivesse que fazê-lo novamente")

Há muito tempo nos explicaram que a forma organizativa do Movimento é funcional para sua tarefa neste momento histórico. Quer dizer que enquanto o sistema continuar organizado, nós também continuaremos organizando-nos.

²⁶ Silo. *Obras Completas. Volumen I. Cartas a Mis Amigos. Quinta Carta a Mis Amigos (4 de junio de 1992), 6.- El sacrificio de los objetivos a cambio de coyunturas exitosas. Algunos defectos habituales. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.*

²⁷ Adjuntos como Anexo.

Na medida em que não exista ainda uma sociedade humanizada e libertária, as formas organizativas continuarão sendo os andaimes úteis para construí-la. Quando o trabalho estiver concluído, talvez poderemos deixá-la de lado ou mudar os andaimes organizativos.

De modo que as formas organizativas não são opostas a nossa tarefa no mundo, mas não são obrigatórias. Não são para quem não se sinta confortável com elas. De tal modo que quem aprecia o que fazemos e o queiram difundir sem nossas formas organizativas ou com outras, ou não queiram compromissos nem tarefas organizaram, podem apoiar como simpatizantes do Movimento Humanista.

O tema organizativo é inevitável, e só se pode ignorar a custa do conjunto. Todas as acções e realizações grandes e potentes que queremos projectar no mundo necessitam de uma organização efectiva. Organismos, frentes de acção, coordenadoras nacionais, regionais humanistas, etc. precisam ser organizados para que cumpram seu melhor cometido.

Em todo o caso, os grandes planos que temos necessitam de militantes que os levem adiante com uma certa permanência, um certo compromisso e um certo esclarecimento: o que tradicionalmente conhecemos como "membro de estrutura."

Esse sentimento religioso grande e bom que nos impele a humanizar a terra pode ter uma expressão organizativa. Esta expressão organizativa poderá e deverá estar preenchida dos melhores sentimentos e comportamentos de acordo com a finalidade da obra.

Hoje mais que nunca, depois da experiência de tantos anos, continuo não só tendo a firme convicção que o trabalho organizativo com outros é útil não só para a si mesmo, mas que nosso trabalho organizativo é necessário, possível e desejável para milhões nestes tempos e nos que se avizinham.

O modelo estrutural proposto, desenvolvido e orientado por Silo, é uma grande ferramenta para que nossa mensagem e nossa proposta sejam projectadas no mundo. Durante anos esta ferramenta foi-se aperfeiçoando pela experiência conjunta e com ela alcançamos tudo o que hoje somos e podemos.

Desde o princípio, nosso tipo de organização foi definida como "estrutural", ou seja, nem vertical nem horizontal, mas como uma estrutura dinâmica na qual a energia não só flui numa direcção entre a condução e a base, de forma que a orientação geral surgisse da retroalimentação entre níveis de participação, do intercâmbio de experiência conjunta, da construção dos acordos conjuntos, etc. Pelo contrário, nosso modelo organizativo não é o de uma ONG, nem duma cooperativa, nem duma multinacional, nem dum exército (nem sequer "de salvação"). De maneira que nossa forma é apta para o que nos interessa. O modelo organizativo comum a todos é, segundo Silo, factor de coesão num Movimento em que nos interessa sua diversidade, mas também sua convergência.

Nada terá de mau que exista uma diferenciação de funções e uma diferenciação de níveis de participação (baseado no "trabalho eficaz"), se isso torna a tarefa conjunta mais fácil e mais efectiva no mundo, e se isso faz que cada membro da estrutura

esteja melhor do que estaria num âmbito desorganizado onde tudo fosse liberado ao personalismo e a espontaneidade sem inteligência. Pelo contrário: essa organização será fonte de alento e satisfação pessoal e conjunta.

Dentro de mim fiz e renovei um esforço interno para alcançar uma espécie de "júbilo" e reconciliar-me com todos os erros do passo de dança (meus ou doutros) mas que não tiram o valor da própria dança. Hoje continuo fazendo e tentaria despojar do estrutural de tudo aquilo cuja inutilidade ou inconveniência foi demonstrada, e que não pertenciam ao trabalho estrutural em si, mas ao "agregado" que lhe pus.

A 4 de maio de 2004, em Punta de Vacas, Silo declarou:

"Queridos amigos.

Nós fracassamos... mas insistimos!

Nós fracassamos mas insistimos em nosso projecto de humanização do mundo.

Nós fracassamos e continuaremos fracassando uma e mil vezes porque montamos nas asas de um pássaro chamado "intento" que voa sobre as frustrações, as debilidades e as pequenezes."

Tenho a firme convicção de que esse "intento" de que falava não se referia a toda a bagagem do Movimento, mas exceptuando a formação de estruturas grandes e influentes.

Que oportuno seria que se projectasse na actividade estrutural essa nova sensibilidade que ali anunciava:

"Se me perguntassem a precisar o enunciado mais acima diria que as pessoas, embora isto se tenha repetido durante três milénios, hoje experimenta novamente a necessidade e a verdade moral de tratar aos outros como gostariam de ser tratados. Adicionaria que, quase como leis gerais de comportamento, hoje aspira-se a: 1. - uma certa proporção, tentando ordenar as coisas importantes da vida, levando-as em conjunto e evitando que algumas se adiantem e outras se atrasem excessivamente; 2. - uma certa adaptação crescente, actuando a favor da evolução (não simplesmente da curta conjuntura) e abrindo o vazio às distintas formas de involução humana; 3. - uma certa oportunidade, retrocedendo ante uma grande força (não ante qualquer inconveniente) e avançando em seu declínio; 4. - uma certa coerência, acumulando acções que dão a sensação de unidade e concordância consigo mesmo, descartando aquelas que produzem contradição e que se registram como desacordo entre o que a pessoa pensa, sente e faz."²⁸

A tarefa estrutural é uma tarefa que pode ser empreendida como um "seminário de amor e compaixão", no sentido de A Mensagem de Silo, ou seja, como acção válida. Quer dizer, retomar ao sentido original que a meu ver sempre teve.

²⁸ *Cartas a Mis Amigos. Primera Carta a Mis Amigos. 7. El cambio humano. (21/02/91), en Silo. Obras Completas. Volumen I. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.*

A tarefa estrutural pode ser o seminário em que seus mesmos operadores se irão humanizando para pôr seu olhar e sua acção em humanizar o meio em que vivem.

As estruturas podem ser definidas ou entendidas de muitas distintas maneiras, mas fica o facto de que para o militante que leva adiante a tarefa estrutural deverá ser levada adiante como acção válida ou não fará sentido para ele e, ao perder o sentido, contaminará os outros com o seu sem sentido.

O meio social está muito deteriorado e as pessoas em más condições e desvalorizadas. A organização pode oferecer um âmbito em que se vai experimentando a nova civilização que está a nascer.

Será bom prover o âmbito, os instrumentos e a perícia necessários para que as pessoas humanizem-se enquanto humanizam a outros.

Será bom prover amizade, ajuda e experiência (como propunha A Comunidade) para que as pessoas se humanizem enquanto humanizam a outros.

Essa organização deverá prover o melhor trato para os seus participantes. Deveremos compensar o meio na sua desestruturação das relações interpessoais: quanto a orfandade, a desprotecção, o mau trato, a falta de comunicação, a solidão, a coisificação, a falta de diálogo, etc.

Ali onde no meio há manipulação, aqui haverá persuasão ou acordo. A orfandade será compensada com ajuda, a desprotecção com protecção, o mau trato com carinho e compaixão, a falta de comunicação com comunicação directa, a solidão com companhia, a coisificação com a consideração da situação vital existencial própria de cada um, a falta de diálogo com uma aproximação genuína para o outro, etc. Se o Movimento de Humanista é também, como disse Silo, um refúgio²⁹, então esse refúgio deverá ter tais características.

Será uma renovação das formas organizativas de forma que estas não sirvam só a quem as compõe, mas também ao meio que é seu destinatário; que não sirvam para engrandecer a imagem dos seus protagonistas, mas para a felicidade e liberdade de todos seus membros; que o mais importante seja o "nós" em que não hajam chefes nem subordinados; que não hajam uns abaixo de outros; que não haja paternalismo mas ajuda solidária para ajudar a que o outro cresça e avance com seu próprios meios, onde o respeito pela diversidade não seja só declamado, etc.

Precisamos de uma nova sensibilidade para a formação das estruturas de acordo com os novos tempos. Estas serão as que terão capacidade de convencer as multidões.

Precisamos de uma reflexão e um exame para escolher os atributos intangíveis dos que queremos aplicar nas novas estruturas, e deixar de lado o que reconhecemos como inadequados, obsoleto, etc.

²⁹ En el mensaje pronunciado por Silo (*¿Qué es hoy el Movimiento Humanista?*) en la reunión realizada en el Estadio deportivo Obras Sanitarias de Buenos Aires, el 4 de Enero de 1998.

Para isto precisamos pôr os primários ali onde sempre foram colocados: as estruturas não são instrumentos para engrandecer o eu, mas para elevá-lo proporcioná-lo em função de uma tarefa que transcende o individual numa grande acção válida.

A meu ver, a melhor maneira de encaixar-se a construção estrutural é com a atitude de quem realiza uma acção válida a longo prazo, que envolve o presente e futuro de milhões de pessoas. Essa acção válida será alinhada por incontáveis acções específicas que irão construindo uma realidade. E será essa atitude a que poderá fazer que afirmemos dia a dia "amo a realidade que construo."

Com o modelo estrutural não estamos construindo simplesmente "uma organização poderosa e exitosa", mas a ponte que unirá a pré-história humana com a civilização planetária calorosamente humana. Na implementação do modelo estrutural deverão ir-se vendo as características da nação humana universal a que aspiramos.

Tomando os termos da "digressão" de Silo, na sua conferência de 17 de maio passado, creio que nossa organização deveria apontar a ser um modelo dessa estruturação de consciência não violenta, e para que esta forme parte do molde psicossomático e psicossocial do Movimento.³⁰

Será bom reconhecer o "fracasso" das velhas atitudes e dos velhos procedimentos que tingiram a construção estrutural, e parar de atribuí-los alucinatoriamente a própria construção estrutural. Também, será mais proveitoso parar de procurar culpas e culpados, se assim for, e retomar a tarefa com uma nova atitude.

Porque se deixámos aparte o padrão organizativo ou a actividade estrutural pelos erros cometidos em seu nome, tb coerentemente deveríamos deixar aparte a mensagem com que também às vezes falhou nossa coerência. E isto seria claramente um absurdo e, ainda pior, uma grande vitória para o sistema.

Aqui cabe citar as palavras de Silo que dizem: "*Por isso é necessário compreender processos mais amplos do que simples conjunturas e apoiar tudo o que vá em direcção evolutiva, ainda que não se vejam os seus resultados imediatos. O desalento de seres humanos valorosos e solidários atrasam o passo da história.*"³¹

As frases sobre Contradição e Unidade, capítulo IX de *A Paisagem Interna*³² parecem-me muito adequadas como apoio para uma proveitosa reflexão sobre o estrutural.

Para terminar: minha postura é que hoje mais que nunca é necessário, possível e desejável renovar o entusiasmo pelo trabalho estrutural ou organizativo, mas agora preenchendo-o dessa nova sensibilidade que sentimos em nós e que vislumbramos nos outros: o místico da acção válida, a sensibilidade própria desse futuro para o qual aspiramos.

³⁰ Silo, *Psicología IV. Conferencia dada por Silo en Parque La Reja, Buenos Aires, a mediados de mayo de 2006*. d. Fenómenos accidentales y fenómenos deseados. 4. *Estructuras de conciencia*.

³¹³¹ *Cartas a Mis Amigos. Segunda Carta a Mis Amigos Sobre La Crisis Social y Personal en el Momento Actual. 4.- Los Factores Positivos Del Cambio* (5 de diciembre de 1991), *Segunda Carta a Mis Amigos*, en Silo. *Obras Completas. Volumen I*. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

³² Adjunto como Anexo.

Espero que se tenham divertido. Paz, Força e Alegria para todos!

* * *

Nota final: A este testemunho lhe seguiu entre os presentes sobre o tema tratado. Sobre esta base, nas semanas seguintes realizaram-se intercâmbios similares noutros grupos.

Mail : fernando120750@gmail.com Blog : <http://fernandoagarcia.blogspot.com>

Anexo 1³³

IX. CONTRADIÇÃO E UNIDADE

1. A contradição inverte a vida. É a inversão dessa corrente crescente da vida o que se experimenta como sofrimento. Por isso, o sofrimento é o sinal que adverte sobre a necessidade de mudança na direcção das forças que se opõem.
2. Aquele que se encontra detido na caminhada pela sua repetida frustração, está aparentemente detido (porque na verdade regressa). E uma e outra vez, os fracassos passados fecham o seu futuro. Quem se sente frustrado vê o futuro como repetição do seu passado, ao mesmo tempo que experimenta a necessidade de se separar dele.
3. Quem, prisioneiro do ressentimento, encara o futuro, o que não fará para vingar em intrincada desforra o seu passado?
4. Na frustração e no ressentimento, violenta-se o futuro para que curve o seu dorso em sofredor regresso.
5. Às vezes, os sábios recomendaram o amor como escudo protector dos sofridos embates... Porém a palavra "amor", enganosa palavra, significa para ti a desforra do passado, ou uma original, límpida e desconhecida aventura lançada ao porvir?
6. Assim como tenho visto o solene cobrir grotescamente o ridículo, assim como tenho visto a vácuca seriedade enlutar o grácil do talento, tenho reconhecido em muitos amores a auto-afirmação vindicativa.
7. Que imagem tens dos sábios? Não é verdade que os concebes como seres solenes, de gestos pausados... como quem tem sofrido enormemente e, em função desse mérito, te convida das alturas com suaves frases, nas quais se repete a palavra "amor"?
8. Eu, em todo o verdadeiro sábio, tenho visto uma criança que brinca correndo no mundo das ideias e das coisas, que cria generosas e brilhantes borbulhas que ele próprio faz estourar. Nos faiscantes olhos de todo o verdadeiro sábio tenho visto "dançar rumo ao futuro os pés ligeiros da alegria". E muito poucas vezes tenho escutado da sua boca a palavra "amor"..., porque um sábio verdadeiro nunca jura em vão.
9. Não acredites que pela vingança purificas o teu passado sofrido, nem tão-pouco por usar o "amor" como toda poderosa palavra, ou como recurso de uma nova armadilha.
10. Verdadeiramente amarás quando construíres com a mira posta no futuro. E se recordas o que foi um grande amor, só deverás acompanhá-lo com suave e silenciosa nostalgia, agradecendo o ensinamento que chegou até ao teu dia actual.

³³ En la pág. 76 de *Silo. Obras Completas. Volumen I. Humanizar la tierra. El Paisaje Interno*. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

11. Assim sendo, não romperás com o teu sofrimento passado falseando ou aviltando o futuro. Fá-lo-ás mudando a direcção das forças que provocam em ti contradição.

12. Creio que saberás distinguir entre o que é dificuldade (bem vinda seja, já que podes superá-la), e o que é contradição (solitário labirinto sem ponto de saída).

13. Todo o acto contraditório, que por qualquer circunstância tenhas efectuado na tua vida, tem um inequívoco sabor de violência interna e de traição a ti mesmo. E não importará por que motivos te encontraste nessa situação, mas sim como organizaste a tua realidade, a tua paisagem, naquele preciso instante. Algo se fracturou e mudou o teu rumo. Isso predispôs-te para uma nova fractura. Assim sendo, todo o acto contraditório orienta-te para a sua repetição, do mesmo modo que todo o acto de unidade interna também procura flutuar novamente mais adiante.

14. Nos actos quotidianos vencem-se dificuldades, alcançam-se pequenos objectivos ou colhem-se minúsculos fracassos. São actos que comprazem ou desagradam, mas que acompanham o viver diário como os andaimes de uma grande construção. Eles não são a construção, mas são necessários para que esta se efectue. Talvez estes andaimes sejam de um material ou de outro; não importará isso, conquanto sejam idóneos para o seu objectivo.

15. Quanto à construção em si, onde puseres material defeituoso, multiplicarás o defeito e onde o puseres sólido, projectarás a solidez.

16. Os actos contraditórios ou unitivos dizem respeito à essencial construção da tua vida. No momento em que te encontres defronte deles, não te deves enganar, porque se o fizeres comprometerás o teu futuro e inverterás a corrente da tua vida... Como sairás depois do sofrimento?

17. Mas, acontece que nestes momentos, são já numerosos os teus actos contraditórios. Se desde os alicerces tudo está falseado, que resta fazer? Desmontar por acaso toda a tua vida para começar de novo? Permite-me dizer-te que não creio que toda a tua construção seja falsa, por conseguinte abandona ideias drásticas que possam acarretar-te males maiores do que aqueles de que hoje padeces.

18. Uma vida nova não se baseia na destruição dos "pecados" anteriores, mas sim no seu reconhecimento; de modo que se torne clara daí em diante a inconveniência daqueles erros.

19. Uma vida começa quando começam a multiplicar-se os actos unitivos, de maneira que a sua excelência vá compensando (até finalmente desequilibrar favoravelmente) a relação de forças anterior.

20. Deves ser muito claro nisto: tu não estás em guerra contigo mesmo. Começarás a tratar-te como a um amigo com quem deves reconciliar-te, porque a própria vida e a ignorância afastaram-te dele.

21. Necessitarás de uma primeira decisão para te reconciliares, compreendendo as tuas contradições anteriores. Depois, uma nova decisão para querer vencer as tuas

contradições. Por último, a decisão de construir a tua vida com actos de unidade, rejeitando os materiais que tanto prejuízo têm atraído sobre a tua cabeça.

22. É conveniente, com efeito, que clarifiques no teu passado e na tua situação actual quais os actos contraditórios que verdadeiramente te aprisionam. Para reconhecê-los, basear-te-ás nos sofrimentos acompanhados de violência interna e do sentimento de traição a ti mesmo. Eles têm claros sinais.

23. Não estou a dizer que te devas mortificar com exaustivos inventários sobre o passado e sobre o momento actual. Recomendo simplesmente que consideres tudo aquilo que mudou o teu rumo em direcção desafortunada e que te mantém ligado com fortes ataduras. Não te enganes uma vez mais, dizendo-te que aqueles são "problemas superados". Não está superado nem compreendido adequadamente aquilo que não se cotejou com uma nova força que compense e ultrapasse a sua influência.

24. Todas estas sugestões terão algum valor se estiveres disposto a criar uma nova paisagem no teu mundo interno. Mas, nada poderás fazer por ti, pensando só em ti. Se queres avançar, terás que admitir algum dia que a tua missão é humanizar o mundo que te rodeia.

25. Se queres construir uma nova vida livre de contradições, crescentemente superadora do sofrimento, terás em conta dois falsos argumentos: o primeiro apresenta-se como a necessidade de solucionar os íntimos problemas, antes de acometer qualquer acção construtiva no mundo. O segundo, aparece como um total esquecimento de si mesmo, como um declamativo "compromisso com o mundo".

26. Se queres crescer, ajudarás a crescer aqueles que te rodeiam. E isto que afirmo, estejas ou não de acordo comigo, não admite outra saída.

Anexo 2³⁴**“6. O sacrifício dos objectivos em troca de conjunturas exitosas. Alguns defeitos habituais.**

Toda a pessoa comprometida com a acção conjunta, todo aquele que actua com outros na consecução de objectivos sociais com sentido, deve ter claro muitos defeitos que no passado arruinaram as melhores causas. Maquiavelismos ridículos, personalismos por cima da tarefa conjunta proclamada e autoritarismos de todo o tipo, encham os livros de História e a nossa memória pessoal.

Com que direito se utiliza uma doutrina, uma formulação de acções, uma organização humana, afastando as prioridades que elas exprimem? Com que direito propomos a outros um objectivo e um destino, se depois situamos como valor primário um suposto êxito ou uma suposta necessidade de conjuntura? Qual seria a diferença em relação ao pragmatismo que dizemos repudiar? Onde estaria a coerência entre o que pensamos, sentimos e fazemos? ***Os instrumentadores de todos os tempos efectuaram a básica fraude moral de apresentar a outros uma imagem futura mobilizadora, guardando para si uma imagem de êxito imediato. Se se sacrifica a intenção acordada com outros, abre-se a porta a qualquer traição negociada com o bando que se diz combater. E, nesse caso, justifica-se tal indecência com uma suposta "necessidade" que se escondeu na proposta inicial.*** Fique claro que não estamos a falar da mudança de condições e de tácticas em que todo aquele que participa compreende a relação entre elas e o objectivo mobilizador proposto. Também não nos estamos a referir aos erros de apreciação que se podem cometer nas implementações concretas. Estamos a observar a imoralidade que distorce as intenções e perante a qual é imprescindível pôr-se alerta. É importante estarmos atentos a nós próprios e esclarecer outros para que saibam antecipadamente que, ao quebrar os seus compromissos, as nossas mãos ficam tão livres como as suas.

Certamente que existem diferentes tipos de astúcias na utilização das pessoas e que não há forma de fazer um catálogo completo. Também não se trata de nos convertermos em "censores morais", porque bem sabemos que por trás dessa atitude está a consciência repressora, cujo objectivo é sabotar toda a acção que não controla, imobilizando com a desconfiança mútua os companheiros de luta. Quando se introduz a contrabando supostos valores que vêm de outro campo para julgar as nossas acções, é bom recordar que essa "moral" está em questão e que não coincide com a nossa... como poderiam esses estar entre nós?

Por último, é importante atentar ao gradualismo enganoso que se costuma praticar para inserir subtilmente situações que vão contra os objectivos delineados. Nesse posicionamento encontra-se todo aquele que nos acompanha por motivos diferentes aos que expressa. A sua direcção mental é torcida desde o princípio e apenas espera a oportunidade de se manifestar. Entretanto, gradualmente, irá utilizando códigos manifestos ou velados que respondem a um sistema de linguagem de dois sentidos. Essa atitude quase sempre coincide com

³⁴ Quinta Carta a Mis Amigos (04/06/92), en *Silo. Obras Completas. Volumen I*. Plaza y Valdés, Buenos Aires 2004.

a daqueles que, em nome dessa organização militante, desreferenciam outra gente de boa fé, fazendo cair a responsabilidade das suas barbaridades sobre a cabeça das pessoas autênticas.

Não se trata aqui de enfatizar o que desde há muito tempo se tem conhecido como os "problemas internos" de toda a organização humana, mas pareceu-me conveniente mencionar a raiz conjunturalista que actua nisto tudo e que corresponde à apresentação de uma imagem futura mobilizadora, guardando para si uma imagem de êxito imediato."